

ENTREVISTA

Tiganá Santana



Por André Luiz S. Silva

E-mail:

andre.luiz@fricaeaficanidades.com

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Fale um pouco sobre sua história.*

TIGANÁ: Nasci em Salvador (Bahia), perto do alvorecer de um novo ano, a 29 de dezembro de 1982, às 14h de uma quarta-feira. Estudei em bons colégios da cidade e vivi sempre, como contraponto à minha solidão fenotipicamente negra nas escolas pseudoburguesas, ambiências de uma negritude que se sabia e afirmava sendo; não negava ou enfeava as alteridades. A minha mãe, atriz e educadora, é uma mulher importante para a história do Movimento Negro na Bahia – fundou, ao lado de outros, o Movimento Negro

Contra a Discriminação Racial, em 1978, depois a Frente Negra Feminina. Tornou-se diretora do bloco afro carnavalesco Ilê Aiyê – e para o Brasil, ao tornar-se a primeira Secretária da Reparação do país. Meu avô materno é saxofonista, clarinetista e um grande marceneiro. Meu pai é geólogo e professor de dança; e possuo um irmão, que é estudante da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. As artes circunscrevem tudo...

Depois fui exercendo a inevitável solidão das escavações na errância, no não-saber, na espiritualidade, nas tentativas de pensamento, na ancestralidade vivida e pretendida, na palavra, na canção, no som e no silêncio, que é ponto de partida e chegada...

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Qual é a origem do seu nome TIGANÁ?*

TIGANÁ: Trata-se de um nome que tem origem no Mali – país da África Setentrional - e designa uma linhagem de pensadores deste lugar.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como foi o seu início na música?*

TIGANÁ: Eu não costumava pedir presentes aos meus pais, quando criança. A única vez em que isto aconteceu, para espanto de minha mãe – a quem me dirigi – foi para pedir um violão, aos 11 anos, depois de ter ouvido João Gilberto na casa de um tio meu (Jorge Moura) responsável por me introduzir no mundo da música. A esta altura, eu escrevia poemas e textos, e aspirava a ser um escritor – achava possível, após ter vencido um concurso literário que contava com pessoas mais velhas do que eu. Apenas comecei a estudar o instrumento 3 anos depois com o professor Alberto Batinga, em Salvador, quem percebeu, em alguns meses de estudo, que o meu negócio era compor.



Ele, sensivelmente, não me ensinou nada do que dizia respeito à teoria musical ocidental – cuja literatura desconheço. Ensinou-me somente a extrair o som do instrumento – sem escolas ou moldes - e incentivou-me a compor e cantar. De lá para cá, a música, através da composição, nunca me abandonou. Foi ficando mais assídua (porque séria sempre foi!) e tomando conta das minhas frentes de inspiração e comunicação, em substituição ao poema ou a qualquer outra forma através da qual eu tivesse costume e necessidade de me expressar. Anos mais tarde, após eu ter me graduado em Filosofia, tomei por ofício exclusivo a atividade musical... entre a reclusão da composição e as apresentações em teatros e outros espaços culturais, com a ajuda de amigos, como o jornalista Marlon Marcos, e dos músicos que me acompanharam ao longo deste tempo.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como você define sua música?*

TIGANÁ: Eu a chamaria de música intuída.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Nas suas músicas há muitas referências de matrizes africanas. Em que músicos você buscou e busca essa sonoridade?*

TIGANÁ: Essa sonoridade vem do Candomblé. Claro que Dorival Caymmi, os chorões e sambistas da primeira metade do século XX, alguns musicistas de distintos países africanos, como Ali Farka Touré, estimulam-me em sons; contudo eu devo dizer que a inserção na minha experiência religiosa diária do Candomblé é a majoritária responsável por esta sonoridade.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: O que significa Maçalê, o título do novo CD? Como foi o processo de produção?

TIGANÁ: *Maçalê* – escrito propositalmente desta forma aportuguesada, para dizer que nos referimos veementemente a troncos étnicos africanos, mas que somos brasileiros – significa “você é um com a sua divindade” / “o poder do Orixá em mim” em Iorubá. Após um grande amigo e artista, Gilson Nascimento, ter-me contado que a sua energia motriz e matriz, Ogum, disse-lhe em sonho que ele era um Maçalê, um

dia, em que o encontrei muito aborrecido com a vida, fiz-lhe esta canção. Foi para lembrá-lo da realidade do seu sonho...

Este CD resulta de o nosso projeto ter vencido o Edital de Apoio a Conteúdo Digital de Música da Secretaria de Cultura da Bahia em 2008. Trabalhou-se de maneira bastante focal no disco e com a colaboração especial de todos os seus participantes, sem exceção. Luiz Brasil, produtor musical do disco, foi muito presente e ainda há participações especiais de Roberto Mendes e Virgínia Rodrigues, a quem devo enorme gratidão na minha trajetória musical. O disco foi totalmente gravado em Salvador, mixado no Rio de Janeiro e masterizado em São Paulo, sempre sob os nossos ouvidos atentos. Fizemos o melhor e me agrada bastante o resultado.



Maçalê lança-se neste mês!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Você foi preparado pela sua família para seguir a carreira de diplomata. Porque optou pela música?

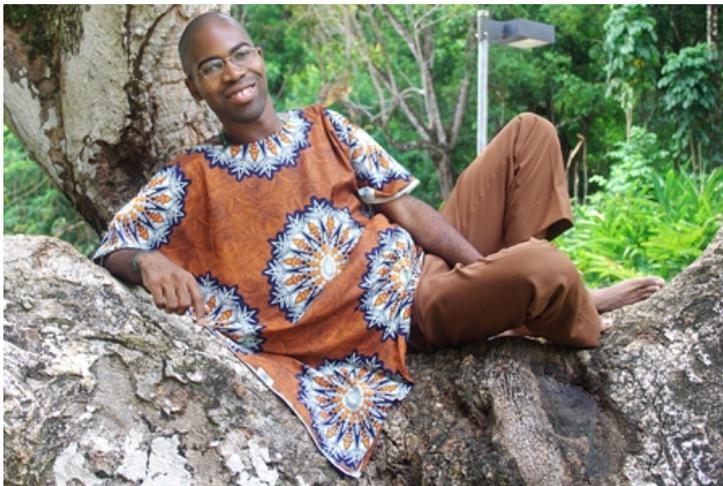
TIGANÁ: Se passasse no concurso do Rio Branco, seria um diplomata negro que estaria no Itamaraty em virtude, à época, de quebrar um pedaço da hegemonia racista de suas “tradições” com a minha presença. Eu compreendo isto, mas acho perecível, etéreo e ainda não representa um compromisso profundo com nada, a não ser com um ego negro que se impõe pelo que é extrínseco. A música é uma necessidade ligada ao âmago e não à pele.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Quais as principais contribuições da Filosofia para a sua música?

TIGANÁ: Um pouco da compreensão de que esta música da qual sou cavalo prescinde do conceito e da explicação. A Filosofia propõe-se a saber, racionalmente, algo. A música é algo.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Você também compõe em diversas línguas como quicongo, ioruba, árabe, francês, espanhol, inglês dentre outras. Como é o processo de composição de suas músicas?*

TIGANÁ: De fato estudei um pouco de cada um destes idiomas (uns mais e outros menos), mas tive a experiência de compor em Quicongo, Quimbundo, Francês, Espanhol e Inglês. Não sou exegeta e nem conheço tão radicalmente estes idiomas. Talvez se trate de um interesse pelas diferenças de linguagem (mais do que de línguas). O idioma é um veio que tangencia linguagens, abstrações e tautologias. O que não é dito é o que move as expressões... Este não dito, necessariamente velado e infindo, catapulta-me na composição. Componho para o silêncio... sou filho da morte e não da vida. Às vezes sinto as vibrações e frequências do instrumento e pressinto que serei agraciado com um som mais ou menos organizado a que chamamos música. Como tenho raríssimos e esporádicos parceiros, usualmente, primeiro sai uma melodia e depois, se for o caso, um texto em função de si e dos apelos da melodia e do som. Um pede e diz ao outro o que solicita. O meu trabalho é decifrar este diálogo



e tentar traduzi-lo, a partir das minhas referências históricas e culturais, de modo finito e ordenado para que o acessemos, tentando não deixar muitas pistas da tão humana presunção de esgotar o infinito. O meu maior prazer nesta existência é poder compor... um mendicante que implora à música poder lavar-lhe os pés diariamente, para que eu mesmo tente senti-los sobre o chão e as coisas.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre Religiosidade*

TIGANÁ: Sou um iniciado no segredo do Candomblé de linhagem Congo-Angola. Nzambi e as divindades designaram que eu fosse Xicarangoma – responsável pelos cânticos e toques – do Terreiro Tumbenci, fundado a mais de 70 anos e localizado no município de Lauro de Freitas/BA. É dessa vivência religiosa que derivo e a ela devo satisfações quanto ao exercício do meu ofício, quanto a erigir uma determinada ética, quanto a falar através de uma voz que não burle o seu contexto, os seus mistérios e a memória daqueles que a deixaram no melhor lugar de continuidade para mim.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre intolerância religiosa*

TIGANÁ: Sempre houve, na medida em que o homem habita o terreno agonístico da diferença. O problema é que agonia humana não se reduziu honestamente diante da diferença, mesmo com todos esses séculos e formas de acesso a informações diversas que o poderiam fazer reconhecer a necessidade de viver cara a cara com o diverso para que se possa compreender melhor o próprio subjetivo. O “outro” ampara o “eu”. Não tolerar ou respeitar a possibilidade de esse outro revestir-se e preencher-se de sua cultura é colocar em dúvida a sua própria. Quem vocifera que o outro não pode ser reconhece, ao mesmo tempo, que este “não pode ser” é seu e encerra-se em

si mesmo, principalmente se a justificativa é vinda de um estrangeiro àquele outro. Trata-se de mais uma ignorância nossa de cada dia diante de nós. Em Salvador, por exemplo, segunda cidade mais negra do mundo, depois de Lagos, na Nigéria, há evangélicos que “satanizam”, a partir do seu inferno interior (aliás, nada mais interior do que o inferno!) sobretudo as religiões de origem africana, que sempre estiveram lá... constituindo tudo, resgatando um pré-colonialismo africano transposto com todas as malas de viagem definitiva para lá. Levar as referências do diabo para estas tradições e cercá-las deste “mal” que baliza é matar os pares de muitos dos evangélicos que descendem de tudo isto, como cristãos fizeram com Jesus Cristo, vítima dos seus seguidores. Não somos o que outro elege que sejamos, com base nas suas conveniências, história etc. Parece evidente e até pueril, mas estamos diante de um dos maiores problemas do homem no mundo: o “outro” – quem não pediu a anuência do “eu” para ser.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre preconceito racial no Brasil*

TIGANÁ: Ainda vige e não nutro otimismo em relação a isto. Às vezes, tento falar de tal questão, artisticamente, através do seu revés porque existe outra forma de pensar e conceber que não leva em conta tais sequelas de comportamento. Na espiritualidade, por exemplo, espera-se encontrar-se focado noutra ar. Mas coexiste com a dimensão supra-racial, supra-genérica etc. o território da dor da carne perfurada, cujo sangue espalha-se para congregar e segregar. Não creio em resoluções que estão no âmbito dos partidos, instituições e ideias institucionalizadas, quando os problemas possuem origem no paulatino processo de desertificação da alma humana apontada pela expressão de alguns de seus comportamentos mais frequentes. O preconceito racial no Brasil e em qualquer lugar será combatido na sua versão palpável (através de emendas, leis, medidas, presenças, debates etc.) e, neste ponto, há alguns avanços. Entretanto, na versão que me poderia trazer alguma esperança, isto é, naquilo que não se esgota, acredito ser bem difícil, pelas crateras que desenvolvemos. Não me interessa alcançar medidas findáveis. Interessa-me reconhecer ou não que algo mudou de modo fulcral no homem em sentido contrário à sua esterilização e assepsia do simples.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre valorização dos músicos brasileiros.*

TIGANÁ: Encontramo-nos num momento muito geral e antropofágico em relação à música do Brasil dialogando com as artes mundiais. Agora, nem há mais o osso para roer diante desta antropofagia epidêmica – que tem a sua importância, mas saiu

fagocitando tudo: *pop art*, escolas diversas, tradições desmembradas, futurismos pretendidos e vaticinados, mixórdias... Esta generalização ansiosa talvez esteja um tanto cansada e inchada de comer. Quiçá seja um bom momento para que nós, músicos brasileiros, olhemos a nossa história com olhar de resultante e sejamos regiões fundas, para que nos confrontemos fraternalmente com as outras regiões, num grande quilombo. A possibilidade de um despontar para a inteireza é sendo inteireza na sua parte. Temos a reconhecida valia de nossa complexidade musical, mas a ideia de ser brasileiro – inclusive na feitura artística - ainda nos é confusa e controversa. Construamos, tijolo a tijolo, diferença a diferença, a sua realidade. O Brasil “musical mercadológico” rejeita estéticas que sabem de si e se fundamentam. Não é nem necessário dizer que há músicos impressionantes no Brasil. É preciso dizer que o Brasil os despreza de modo a priori, por força de uma onda. Por outro lado, músicos no âmbito dos independentes estão caminhando e caminhando... inventando e usando estratégias, encaixando-se neste atual cenário que permite algumas coisas jamais vistas no nosso universo.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES *Como tem sido a receptividade do público dentro e fora do Brasil.*

TIGANÁ: Tem sido positiva, isto é, ao menos há pessoas que se dirigem aos espaços culturais para ouvir um pouco da voz deste trabalho. Isto me apraz. Fora do Brasil, há certo interesse, eu percebo, de que eu explique o que significa este trabalho e a que ele se liga conscientemente. Sinto-me, no possível, respeitado na minha diferença dentro e fora do Brasil.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Seus grandes ídolos.*

TIGANÁ: O acervo memorial e tudo o que nele está contido e me forma. Há pessoas, artistas e posturas que admiro... mas não estão no lugar de ídolos. Não tenho ídolos, a não ser fundidos na memória e na espiritualidade que me movem na existência.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre planos para o futuro.*

TIGANÁ: Não creio no futuro. Não haverá nada além do que há, e o “houve” circunda-se e possui sentido no “há”.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Outros comentários.*

TIGANÁ: Queria agradecer à *Revista África e Africanidades* pela atenção e gentileza. Este disco *Maçalê*, que ora se lança, é o primeiro em que um autor brasileiro apresenta canções (precisamente, três canções) em idiomas africanos. Espero que seja uma pequena lembrança das nossas profundezas. Não há só a nossa parte desencantada. Há o encanto das construções e dissoluções. Reencantemos o mundo com a nossa autenticidade e incompletude...

Quero também lembrar que nestes 35 anos da Associação Carnavalesca Bloco Afro Ilê Aiyê, datados do início deste mês, devemos nos referir à memória da sua sacerdotisa mor, Mãe Hilda Jitolu, quem retornou ao lugar do espírito, em setembro deste ano, e a quem eu dedico esta entrevista.